

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE MUDANÇA: UM OLHAR SOBRE DINÂMICAS
LOCAIS NA INTERACÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS (CASO DA
ESCOLA PRIMÁRIA COMPLETA 19 DE OUTUBRO DO BAIRRO DE
MAGOANINE B)**

**Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos Para Obtenção
do Grau de Licenciatura em Antropologia**

Autor: Bahare Buandau

Supervisora: Doutora Sónia Seuane

Maputo, Dezembro de 2015

EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE MUDANÇA: UM OLHAR SOBRE DINÂMICAS LOCAIS NA INTERACÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS (CASO DA ESCOLA PRIMÁRIA COMPLETA 19 DE OUTUBRO DO BAIRRO DE MAGOANINE B)

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais Universidade Eduardo Mondlane

Candidato: Bahare Buandau

Supervisor

Presidente

Oponente

Declaração de honra

Declaro por minha honra que, este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para obtenção de qualquer grau académico.

Bahare Buandau

Maputo, Dezembro de 2015

Dedicatória

Dedico o presente trabalho ao meu falecido pai Buandau Magido, minha falecida mãe Quijolo Bahare, meus irmãos também falecidos Magido Buandau, Agido Buandau, Itacie Buandau e Viaze Buandau e desejar que ALLAH lhes conceda Jannah.

Agradecimentos

O presente trabalho só se tornou possível graças ao contributo e disponibilidade de várias pessoas nos momentos em que necessitei de maior apoio e auxílio nas dificuldades com que me fui deparando ao longo da sua realização. O meu reconhecido agradecimento.

Em primeiro lugar agradecer a ALLAH pela saúde, força, dinamismo e coragem que me deu desde o primeiro dia que comecei a frequentar a Faculdade até o último dia da minha licenciatura.

Agradecer a supervisora Dra. Sónia Seuane, que para além do seu incansável apoio e atenção, soube ajudar-me moralmente a pensar e a construir uma visão antropológica, desde a concepção do projecto e até à elaboração do relatório final, também agradecer a todos os docentes do curso de Antropologia.

Um agradecimento especial também vai para a minha esposa Isaura Bonifácio Novele (Zarina) que teve a paciência de esperar noites e noites e dar-me força, moral enquanto preparava as lições. Aos meus filhos Ainadine, Rassula, Carolina e Lina, às minhas irmãs Bichara, Muanacate, Nlhene, Rássul, Wachine, os meus amigos que contribuíram com muito apoio, amor e carinho em todos os momentos da minha carreira estudantil.

Aos meus colegas do curso pelo apoio incondicional, pelas discussões e debates que contribuíram para a realização deste trabalho. Os meus colegas do trabalho que souberam tolerar as minhas ausências.

Agradecer a Direcção, professores, alunos, funcionários da Escola Primária Completa 19 de Outubro de Magoanine “B” e os residentes do Bairro em especial os moradores da Rua das Borboletas mais conhecida por rua “9”, pela receptividade, moral para a execução deste trabalho e pela disponibilidade no fornecimento de informações relevantes.

Finalmente e principalmente, quero deixar um caloroso agradecimento a todos os meus familiares e amigos, pelo seu apoio, compreensão e carinho ao longo de todo este tempo, em especial a minha esposa e os meus filhos.

A todos, muito obrigado; Kihojukhurhu! ALIHAMDU LILLAH!

Lista de abreviatura

CDM - Cervejas de Moçambique

EP1 - Ensino Primário do 1º. Grau

EP2 - Ensino Primário do 2º. Grau

FDC- Fundo de Desenvolvimento Comunitário

INDEC - Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação e Cultura

MINEDH - Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

Resumo

No presente trabalho procuramos compreender o grau de interacção entre professores e alunos na sala de aulas, analisamos a participação dos pais ou encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem dos seus educandos.

Nesta mesma interacção, notou-se que já não há respeito mútuo entre professores e alunos, a indisciplina na sala de aulas é constante, actos de violência escolar fazem parte do nosso quotidiano, existem dificuldades na interacção entre professores e alunos na escola e trata-se de uma realidade.

Tanto os professores como os alunos mostraram conhecerem o significado do papel de cada um na sala de aula. Nas respostas dadas pelos alunos foi possível perceber que eles sabem que devem manter-se disciplinados, respeitar o professor e se esforçarem para aprender; e o professor que é de ensinar, tirar as dúvidas, cumprir os acordos com a turma.

As respostas dos alunos foram bastante diversificadas, porém indicaram dificuldades tanto da parte deles, tanto na parte dos professores, reconhecendo que existem falhas e acções negativas que protagonizam na sala de aulas. Para os alunos disseram que os professores usam de autoridade e conseguem disciplinar a sala; enquanto os professores afirmaram de uma forma resumida de que para disciplinar a turma recorrem ao diálogo; “tentamos ser amigo dos alunos, chamando-os a responsabilidade, a fim de alcançar mais disciplina”; procuramos conversar e convencer ao aluno, que é ele que tem a perder os conteúdos

Por parte dos pais ou encarregados de educação mostraram não ter uma boa ligação com a escola alegando não ter tempo por causa das suas ocupações profissionais e outros alegam que há falta de interesse por parte dos professores.

O método de revisão bibliográfico através da técnica de leitura recolheu-se informações dos livros de diferentes autores que abordam assuntos similares do tema estudado; o inquérito por meio de questionário colectou-se dados de amostras seleccionadas aleatoriamente aos alunos da 6ª e 7ª classes de ambos os sexos, as entrevistas semi-estruturadas foram dirigidas aos professores e alunos da mesma escola, a comunidade, enquanto a observação directa dos factos no terreno foi útil na verificação do estado das condições físicas da escola.

Palavras-chave: Interacção professor/aluno, Indisciplina, dialogo

Índice Geral

| | |
|---|-----|
| Declaração de honra | I |
| Dedicatória..... | II |
| Agradecimentos | III |
| Lista de abreviatura..... | IV |
| Resumo | V |
| | |
| CAPÍTULO I | 10 |
| 1.1 Introdução | 10 |
| 1.2 Contextualização | 11 |
| 1.3 Objectivos..... | 14 |
| 1.3.1 Objectivo geral..... | 14 |
| 1.3.2 Objectivos específicos | 14 |
| CAPÍTULO II..... | 15 |
| 2.1. Metodologia de investigação | 15 |
| 2.2. Tipo de Pesquisa | 16 |
| CAPÍTULO III..... | 18 |
| 3.1. Quadro Referencial | 18 |
| 3.2. Alguns conceitos..... | 18 |
| CAPÍTULO IV..... | 22 |
| 4.1. Fundamentação teórica | 22 |
| 4.2. Importância da comunicação na interacção educativa..... | 22 |
| 4.3. Dificuldade de interacção entre professor e aluno | 23 |
| 4.4. Interacção professor e aluno como factor determinante do ensino e aprendizagem..... | 23 |
| 4.5. Descrição da Escola Primária Completa 19 de Outubro do Bairro Magoanine “B” | 24 |
| CAPÍTULO V | 26 |
| 5.1. Apresentação dos resultados | 26 |
| 5.2. Percepção dos alunos sobre as causas da expulsão nas actividades lectivas | 26 |
| 5.3. Percepção dos professores sobre as ausências dos alunos nas actividades lectivas | 27 |
| 5.4. Motivação dos professores..... | 29 |
| 5.5. Visão da comunidade sobre interacções professores e alunos..... | 30 |

| | |
|-------------------------|----|
| CAPÍTULO VI..... | 33 |
| 6.1. Conclusão..... | 33 |
| CAPÍTULO VII..... | 34 |
| 7.1. Bibliografia | 34 |

CAPÍTULO I

1.1 Introdução

O trabalho tem como tema: Educação em contexto de mudança: Um olhar sobre Dinâmicas locais na interacção entre professores e alunos (caso da Escola Primária Completa 19 de Outubro de Magoanine B).

Ao longo da história as várias sociedades têm assegurado a sua reprodução e desenvolvimento, em grande parte através da educação. Por meio dessa prática social, crianças, jovens e mesmo adultos, inserem-se na vida colectiva apropriando-se dos valores e conhecimentos da sua sociedade (PNUD, 2000:28).

Desde o início do sistema de ensino em Moçambique houveram várias discussões a respeito do que se deveria ensinar, da forma como se deveria ensinar, e de como deveria ser o comportamento dos professores e alunos, enquanto mestres e aprendizes, em alguns conceitos de educação mais antigos, ou enquanto construtores do conhecimento, em conceitos mais actuais.

Segundo o plano Curricular do Ensino Básico (Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano – MINEDH 2003:28), a educação básica constitui um elemento central de estratégia de redução da pobreza absoluta, uma vez que, por um lado, a aquisição de conhecimentos relevantes permitem alargar as oportunidades de acesso ao emprego e aos meios de subsistência sustentáveis do cidadão moçambicano e por outro lado, promove a equidade do sistema educativo assegurando, igualmente, o desenvolvimento dos recursos humanos, base para o sucesso da economia nacional.

Os processos educativos são complexos para os investigadores e exigem o contributo de várias ciências. Sabe-se que os processos educativos são universais, mas variam de cultura para cultura, profissão para profissão, grupo para grupo, etc., aprender e educar são processos que envolvem a transmissão, a fixação e a produção de saberes, memórias, sentidos e significados, práticas e performances (PNUD, 2000:28).

A nossa pesquisa, pretende estudar as dinâmicas locais na interacção entre professores e alunos residentes num dos bairros suburbanos da cidade de Maputo, mais concretamente, no

bairro de Magoanine “B”, Distrito Municipal Kamubwukuana. A escolha da Escola Primária Completa 19 de Outubro de Magoanine “B”.

O interesse na análise da educação num contexto de mudanças e especialmente nas dinâmicas interactivas nos processos de ensino e aprendizagem entre os professores e alunos deveu-se a dois aspectos. O primeiro aspecto deriva da observação frequente de alunos fora das salas de aulas durante o período lectivo e a quando do questionamento das razões dessas ausências nas salas de aulas alegaram que os professores haviam expulsado sem justa causa, dado que para os alunos estes reuniam os requisitos necessários para assistir as aulas. Por exemplo: os alunos alegam que eram expulsos por não terem penteado cabelo, estarem atrasados, por terem camisas não abotoadas sob o ponto de vista dos professores, o que contrastava com a percepção dos alunos relativamente a estas questões.

Esta primeira questão levou-nos ao segundo aspecto, centrado em algumas conversas informais com os professores sobre as causas das ausências dos alunos nas salas de aulas. Estes alegaram que os alunos chegavam atrasados, eram indisciplinados, não tinham higiene individual – vinham sujos. A constatação de visões ou percepções diferentes sobre as causas da não presença nas actividades lectivas dos professores e dos alunos levou-me a analisar as dinâmicas interactivas entre os professores e alunos nesta escola.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: Capítulo I Introdução, contextualização, objectivos gerais e específicos; Capítulo II inclui: metodologia de investigação, tipo de pesquisa, Capítulo III engloba: Quadro referencial e alguns conceitos; Capítulo IV fala sobre: Fundamentação teórica; importância da comunicação na interacção educativa; dificuldades de interacção entre professor e aluno; interacção professor e aluno como factor determinante de ensino; Capítulo V traz-nos a apresentação dos resultados, percepção dos alunos sobre as causas de expulsão nas actividades lectivas, percepção dos professores sobre as ausências dos alunos nas actividades lectivas, motivação dos professores, visão da comunidade sobre a interacção professores e alunos; Capítulo VI vem a conclusão, e por fim o capítulo VII traz-nos a bibliográfica.

1.2 Contextualização

Em Moçambique, a socialização primária ocorre no âmbito de dois modelos principais: a educação formal básica que é oferecida pela escola e a educação tradicional que se processa

na família e na comunidade. Na escola a socialização das crianças está virada para aquisição de um capital cultural baseada no domínio da leitura, escrita e de habilidades básicas para o mercado de trabalho.

Ao longo do estabelecimento dos diversos sistemas de ensino no país foram aplicadas algumas medidas como a massificação do próprio ensino, mudança no currículo escolar e o aumento do número de escolas, formação de professores. Apesar das medidas tomadas, o cenário a nível de educação básica revela muitas fragilidades como altos níveis de desperdício, insuficiência da rede escolar, fraca preparação dos professores.

A educação tradicional, como refere Cipire (1999), abarca vários momentos da vida dos indivíduos através do processo de socialização. A educação tradicional autóctone é muito presente sobretudo no seio das comunidades rurais moçambicanas e é uma das dimensões estruturantes do universo cultural moçambicano.

No âmbito da educação tradicional, as comunidades organizam várias actividades educativas para grupos relacionados como: mães lactentes, raparigas, rapazes adolescentes e os mais velhos; tais actividades compreendem iniciação feminina, ritos de iniciação masculina, circuncisão e outras actividades Cipire (1999).

Em Moçambique houve vários constrangimentos que marcaram a história do processo de instauração da educação destacando entre outros, a fraca cobertura da rede escolar, elevados índices de reprovação, difícil acesso as escolas públicas e a elevada desistência das raparigas. Estes problemas tiveram diferentes fases da história que o País atravessava desde o período após a independência até hoje (MINED – 2003).

Nos últimos tempos uma das áreas que tem sido especialmente revolucionada é a educação, visto que, para além de estar imersa no contexto sócio-histórico, tem a responsabilidade de procurar novos caminhos para a compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Souza (1997:13-17) aponta que os recursos actualmente disponíveis instigam a rever ideologias, pressupostos teóricos, o espaço-tempo escolar e o próprio fazer ideológico. Incorporar ao contexto educacional os instrumentos de programação, a hipermédia, a telemática e outras inovações, faz redimensionar o ensino e as suas metas.

Sommer (2007:1413-2478), trata da interacção professor e aluno visando problematizar conceitos que circulam na escola de ensino fundamental nos últimos anos, a fim de identificar as implicações no ordenamento das salas e na regulação das práticas docentes sendo fundamentado pelo discurso foucaultiano.

Os ambientes educacionais suportados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) apresentam para a educação desafios de vária ordem, desde o “simples” uso das ferramentas técnicas até à verdadeira apropriação do conteúdo simbólico que as adequa. Por isso, Lévy (1998: 25) refere que “uma técnica não é boa nem má, mas também nem neutra por ser essencialmente condicionante do seu meio”, o que significa abrir possibilidades e opções culturais que sem ela não poderiam ser pensadas concretamente.

Hoje, não podemos deixar de valorizar o papel da Internet como mediadora de uma gama de interacções, como as que se dão pela troca de *e-mails* (correio electrónico) e mensagens instantâneas, através de *newsgroups* (grupos de debate) e *chat rooms* (salas de conversa).

Para Sil (2004:103), a educação escolar no caso de alunos vindos de estratos sociais culturalmente favorecidos seria uma espécie de continuação da educação familiar, enquanto que os alunos de estratos sociais baixos significa um espaço social estranho, distante, ameaçador do capital cultural e familiar.

1.3 Objectivos

1.3.1 Objectivo geral

- Perceber o grau de interacção entre o professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem na sala de aulas

1.3.2 Objectivos específicos

- Descrever o grau de interacção entre professores e alunos na sala de aulas.
- Identificar os processos que influenciam as dinâmicas de interacção no ensino e aprendizagem
- Analisar as dinâmicas das novas conjunturas de interacção entre o professor e aluno na sala de aulas

CAPÍTULO II

2.1. Metodologia de investigação

Segundo (Marconi & Lacatos, 1999:94), metodologia de investigação é todo o conjunto de procedimentos metodológicos adoptados e que tornaram possível a elaboração dum estudo, desde a revisão da literatura aos elementos tomados em consideração na fase de recolha de dados.

A monografia adoptou métodos tradicionais de investigação antropológica, o método qualitativo com a técnica de observação directa e participante dos alunos integrados na escola Primária Completa 19 de Outubro do Bairro Magoanine “B”, a partir de convívios diários ao longo dos meses e entrevistas semi-estruturadas direccionadas aos meus colaboradores.

De salientar que o termo observação participante usado nesta monografia é aquele que foi interpretado por Goldman (2006), segundo ele “quando Malinowski proclamou este método dentro da disciplina, não quis apenas dizer que as vezes o pesquisador deve deixar de lado a máquina fotográfica, o lápis e o caderno para participar do que está acontecer como muitas vezes é pensado”.

Na verdade, como avança Goldman (2006), “o que Malinowski operou na antropologia foi um movimento em tudo semelhante ao do Freud na psicologia: em lugar de interrogar históricas ou nativos, deixá-los falar á vontade.

Também optei pela metodologia qualitativa, “a metodologia qualitativa inscreve-se na corrente compreensivista, considerada mãe de todas as abordagens qualitativas” (Minayo e Sanchez, 1993: 239 – 262)

Em termos metodológicos, esta pesquisa tem como método qualitativo que se baseia na formulação de um problema e construção das possíveis respostas para o mesmo e que devem ser confirmadas pela pesquisa empírica.

A recolha de dados foi possível através da aplicação de duas técnicas distintas: a revisão da literatura e estudo de caso com base em entrevistas semi-estruturadas, de modo que permita que outras questões sejam colocadas na medida em que os entrevistados vão respondendo as perguntas.

A razão da escolha do tema resulta da técnica de estudos de caso, pelo facto de se pretender com esta, perceber o grau de interacção entre o professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem na sala de aulas na Escola Primária Completa 19 de Outubro de Magoanine “B”.

2.2. Tipo de Pesquisa

Quanto ao tipo de pesquisa o presente trabalho, foi possível com a realização de entrevistas, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica.

Segundo (Marconi & Lakatos, 1999: 94) entrevista é o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, com averiguação de “factos”; uma determinação das opiniões sobre os “factos”; uma conduta actual ou do passado; motivos conscientes para opiniões, descoberta de planos de acção.

Para (Marconi & Lakatos, 1999: 94) Pesquisa Documental é o conjunto de documentos, escritos ou não, constituindo as “fontes primárias”, ao passo que a Pesquisa Bibliográfica abrange toda bibliografia publicada em relação ao estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, até meios de comunicação orais (fontes secundárias).

Para a realização desse trabalho fizemos a revisão bibliográfica e também recorremos ao aperfeiçoamento e valorização dos conhecimentos adquiridos durante as aulas, metodologia de investigação científica e de ensino, técnicas de colecta de dados tais como: análise documental, guião de entrevista, questionário e observação directa. Serviu também para saber as opiniões dos entrevistados no que diz respeito as dificuldades na interacção entre professores e alunos na sala de aulas e sua influência no processo de ensino e aprendizagem.

A técnica determinante no trabalho foram as entrevistas semi-estruturadas e observação directa com perguntas padronizadas no questionário e o estudo privilegiou o método qualitativo do tipo exploratório. A pesquisa teve como foco o quotidiano escolar nas dimensões sociocultural, organizacional e pedagógica. Foram entrevistados vinte e cinco (25) alunos, catorze (14) professores e quatro (04) pais ou encarregados de educação.

A abordagem qualitativa permitiu ter uma visão construída com base em significados, lógicas e práticas dos diferentes actores envolvidos no funcionamento da comunidade e da escola.

A metodologia quantitativa usada em alguns momentos da pesquisa, serviu para complementar esta abordagem que facilitou a descrição dos dados, tendo optado pela pesquisa tipo exploratória.

Trabalhamos com o material recolhido em várias bibliografias que versam sobre Antropologia, Sociologia geral, metodologias de pesquisa; fizemos a revisão bibliográfica sobre educação, dinâmicas interactivas do processo de ensino e aprendizagem e sobre estudos e técnicas de investigação. A consulta da bibliografia e documental foi feita na biblioteca central Brazão Mazula, Departamento de Arqueologia e Antropologia ambas localizadas na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano – MINEDH.

CAPÍTULO III

3.1. Quadro Referencial

Dum modo geral os conceitos constituem elementos fundamentais num trabalho de investigação e pesquisa o que permite a sua operacionalização como forma de captar o objecto de pesquisa.

3.2. Alguns conceitos

Conceito de cultura

Na perspectiva de Siliya (1996: 43), a cultura é a expressão do desenvolvimento humano, correspondendo a sua essência e a natureza deste, tudo o que caracteriza o homem, são suas actividades e o resultado destas no seu seio social.

Para Suana (1999), cultura compreende o complexo de conhecimentos, costumes, crenças, arte, moral, direito e todas as outras aptidões e hábitos que o homem adquire enquanto membro de uma sociedade.

Mello (2005:112), segundo o qual, a cultura é um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, costume e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. Mello refere que a cultura pode ser exteriorizada através dos chamados valores culturais. Os valores para o autor, possuem um conjunto de significados que surgem vários objectos.

Kluchohn (1986), veicula o conceito de cultura de Lévi-Struss que apresenta como critério fundamental para a delimitação, o que designa por descontinuidades significativas. Para Lévi-Struss, cultura é o conjunto de padrões de comportamento e para o comportamento, prevalecente em um grupo de seres humanos, em um período de tempo especificado e que do ponto de vista de pesquisa actual e da escala em que está sendo realizada, apresenta descontinuidades nítidas e passíveis de observação em relação a outros conjuntos semelhantes.

Conceito de Escola

Segundo Silva e tal. (1986:118), é essencialmente um subsistema do sistema educacional geral, não sendo um único veiculo de transmissão de culturas, se tivermos em conta que é

precedida, acompanhada e até viabilizada por processos paralelos, divergentes ou convergentes de educação não formal presentes na sociedade.

Kruppa (1994:30) aborda o conceito de escola em função do seu papel na actualidade. Inicialmente, frisa que se trata de uma instituição organizada obedecendo normas e regras específicas que justificam as suas acções. Estas acções são traduzidas na transmissão e criação contínuas de conhecimento.

No que se refere as estratégias de educação adoptadas pelos pais ou encarregados de educação, Linha et. al. sustentam que (todos os actores educativos intervêm no processo de diferentes maneiras, ou seja, em função do significado que a escola tem na comunidade, na sua vida diária e para o futuro das crianças que nela estudam)” Linha et. al. 2000:72”.

Entretanto, as aspirações por uma vida melhor fundamentada na educação e marcada por condicionantes, que definem o grau de desempenho e progresso escolar. Estes condicionalismos são inerentes a “posição social da família, ao nível de escolaridade, a hierarquia no trabalho e profissão ” (Ibidem).

Em relação a estas diferenciações que influenciam o desempenho escolar, Linha et. al (Ibidem) referem que se manifestam (na apresentação dos alunos, na posse dos materiais didácticos, na possibilidade de frequentar a explicação (...), porque considera-se que esses meios são importantes para desenvolver probabilidades e conhecimentos fundamentais no processo de ensino e aprendizagem.

O insucesso escolar deriva da avaliação dos conhecimentos dos alunos. Crahay (1996), atribui o insucesso escolar à falta de capacidade e à má formação dos docentes, pois dificultam a avaliação correcta dos discentes, provocando o insucesso escolar.

Associada também à busca de uma explicação para o insucesso no âmbito da escola, está a reflexão de Wollcott (1974), para ele, o insucesso escolar pode resultar dum choque de culturas resultantes do desconhecimento por parte do professor, do universo cultural dos alunos que compreendem as suas motivações, interesses, e os docentes de socialização no meio familiar, tal situação leva os discentes a uma resistência de aprendizagem.

Mazula (1995:275), analisa o insucesso escolar olhando para a interacção entre a escola e a ideologia para ele, o fracasso escolar resulta da ideologia a que o currículo veicula que combate e marginaliza a cultura tradicional.

Patto (1998), vê o insucesso escolar como reprovação e evasão. Rangel (1997), explicita ainda o conceito sublinhando aspectos técnicos. O insucesso escolar significa o insucesso no exame bem como o afastamento definitivo da escola provocando por repelências sucessivas.

Crahay (1996), reflecte sobre a influência dos preconceitos sociais na produção do insucesso escolar. Para ele, nas sociedades em geral, prevalece uma cultura de insucesso baseada em costumes, crenças e lógicas sociais que envolvem encarregados de educação e a sociedade, segundo a qual o insucesso escolar é algo normal.

O papel do aluno, nesta perspectiva, demonstra-se fundamentalmente para a construção de práticas dialógicas na sala de aulas. Paulo Freire (1996) ressalta que é possível que, juntos, professores e alunos ensinem e aprendam simultaneamente, conheçam o mundo em que vivem criticamente e construam relações de respeito mútuo, de justiça, constituindo um clima real de disciplina por relações dialógicas, tornando a sala de aula um desafio interessante e desafiador a todos os envolvidos.

Gasparin, (2005:115). É necessário que os conteúdos escolares não sejam vistos e comunicados como imposição, mas sim tratados como uma necessidade pessoal e social, afim de que apreendidos e incorporados possam ser um instrumento de mudança social

De um modo geral, para os autores apresentados é consensual que o insucesso escolar resulta de um desligamento entre os conhecimentos do currículo nacional e as necessidades das comunidades. Face a este consenso, o Ministério da Educação e Cultura e Desenvolvimento Humano introduziu em 2003, o currículo local com objectivo de aproximar os saberes escolares e o local. O currículo local faz parte integrante do plano curricular do ensino básico adoptado pelo MEC no mesmo ano e tem como principal objectivo; a inserção adequada do educando na sua comunidade.

Conceito de socialização

Há uma convergência de ideias de vários autores quanto ao conceito de socialização. A ideia básica é que a socialização é um processo de apreensão e interiorização de valores e normas de uma determinada cultura, onde intervêm um conjunto de agentes, os agentes da socialização (família, escola, entre outros). O processo tem como objectivo orientar o comportamento das pessoas.

Segundo Boudon (1990), a socialização consiste num processo de transformação de um indivíduo de um ser associal num ser social inculcando-lhe modos de pensar, de sentir e de reagir. A socialização visa tornar estáveis as disposições do comportamento dos indivíduos em instituições ou grupos sociais, através da interiorização das mesmas, valores e as regras sócias destes.

Para Dubar (1997), a socialização remete a um processo de incorporação duradoira das formas de sentir, pensar e agir do grupo de origem, da sua visão do mundo e da relação com o futuro.

CAPÍTULO IV

4.1. Fundamentação teórica

As interações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, na interação entre professor/aluno há envolvimento de interesses e intenções, pois, a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação na sala de aulas. Para que isso possa ser mais bem cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando as suas acções no desenvolvimento das suas actividades.

De acordo com FREIRE (1996:96) apud! afirma que “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. A sua aula é assim um desafio seus alunos cansam e dormem. Cansam porque acompanham as idas e voltas do seu pensamento, surpreendem as suas pausas, dúvidas, incertezas”.

4.2. Importância da comunicação na interacção educativa

Na organização do espaço e do ambiente, o papel da comunicação é fundamental entre todos os envolvidos no processo de trabalho. A comunicação define a situação que dá sentido às mensagens trocadas.

Portanto, ela não se resume à transmissão de ideias e factos; trata-se, principalmente, de oferecer novas formas de ver essas ideias, de pensar e relacionar as informações recebidas, de modo a construir novos significados.

Segundo Morin (2000), citado pela REDVET, Interagir com os colegas auxilia os alunos a construir seu conhecimento, aprender outras formas de pensar nas ideias e tornar mais claro seu próprio pensamento – enfim, ajuda-os a construir significados, pois “ ensinar não é só falar, é se comunicar com credibilidade”

4.3. Dificuldade de interacção entre professor e aluno

No espaço de sala de aulas acontecem os grandes encontros, a troca de experiências, as discussões e interacções entre os alunos, o carinho, ajuda, enfim as interacções afectivas existentes entre professor/aluno. Também é nesse espaço que o professor observa os seus alunos, identifica suas conquistas e suas dificuldades e os conhece cada vez melhor.

O espaço da sala deve ser marcado por um ambiente cooperativo e estimulante, de modo a favorecer o desenvolvimento e as modificações das inteligências diferentes, ao mesmo tempo, promove a Interacção entre os distintos significados apreendidos pelos alunos, ou criados por eles, a partir das propostas que realizarem e dos desafios que vencerem.

De acordo com **GADOTTI (1999:2)** “ o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador de conhecimento mais importante: o da vida”. Neste sentido, a interacção estabelecida caracteriza-se pela selecção de conteúdos, organização, sistematização didáctica para facilitar a aprendizagem dos alunos e exposição do professor demonstrará os seus conteúdos.

O trabalho do professor na sala de aulas, sua interacção com os alunos é expresso pela interacção que ele tem com a sociedade e a cultura, de acordo com **ABREU e MASETTO (1990:115)** apud, **REA** “afirma que é o modo de agir do professor na sala de aulas, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflecte valores e padrões da sociedade”.

4.4. Interacção professor e aluno como factor determinante do ensino e aprendizagem

A escola tem, actualmente, como função primordial, a formação de pessoas críticas e aptas para o exercício da cidadania, conscientes das suas obrigações e dos seus direitos. Para que os alunos possam chegar a esta formação, é necessário que passem por uma série de aprendizagens (não serão avaliados aqui os conteúdos e a validade destas aprendizagens, da forma com que são estruturadas actualmente, o aspecto abordado será somente acerca do ensino aprendizagem), e precisam contar com um orientador durante estas aprendizagens, representado pelo professor.

Saint-Onge (1999:24) a orientação dada pelo professor é o que caracteriza o ensino, como sendo “a organização de métodos de investigação que permitam ao aluno construir o seu saber com base no modelo do saber das diversas disciplinas escolares”, e que tem por função, activar e guiar o processo de aprendizagem, o que deixa explícito que não existe ensino onde não há aprendizagem.

Para que isto ocorra, é necessário que o professor tenha plena consciência do seu papel enquanto orientador. O ensino não se baseia apenas na acção de enunciar aquilo que se sabe, se produz em uma interacção muito mais complexa do que isto. O ensino deve se basear em uma interacção psico-pedagógica, uma interacção que activa o processo de aprendizagem no aluno.

Por sua vez, Chalita (2002:19-22), define onze tipos de professores, conforme as suas atitudes. É claro que, assim como qualquer profissional ou qualquer pessoa, cada professor tem características próprias, sejam boas, ou ruins, é único. Porém, os “estereótipos” propostos por Chalita reúnem as características mais comuns observadas em certos professores.

4.5. Descrição da Escola Primária Completa 19 de Outubro do Bairro Magoanine “B”

O trabalho de investigação foi realizado na Escola Primária Completa 19 de Outubro de Magoanine “B”, turmas da 6^a- e 7^a- classes do curso diurno, entre os dias 17 e 19 de Setembro de 2013 e dias 14, 15 e 16 de Abril de 2014.

A escola foi construída entre os anos de 1999 a 2000 com fundos da Cervejas de Moçambique (CDM) e Fundo de Desenvolvimento Comunitário (FDC), o estado interveio na colocação de mobiliário escolar, sendo assim, a escola começou a funcionar a 23 de Março de 2000 e foi inaugurado por Sua Excia Ministro de Educação Alcido Nguenha, Senhora Graça Machel, patrona da Fundação para o Desenvolvimento Comunitário (FDC) e o representante da Cervejas de Moçambique (CDM).

Segundo o Director da escola, a construção da mesma naquele bairro tinha como objectivo apoiar a população local no ano em que o país foi assolado pelas cheias e que as populações afluíam em maior número para aquele bairro, e na altura não havia escola e daí houve a necessidade da construção da mesma. A escola não tem muro de vedação o que constitui preocupação para os alunos que frequentam a escola, daí os pais ou encarregados de educação, os próprios professores estarem muito preocupados com a segurança dos seus educandos dentro do recinto escolar.

A escola tem três (03) blocos com cinco (05) salas de aulas que totalizam quinze (15), duas (02) casas de banho, um (01) bloco administrativo e neste momento segundo o senhor Director da Escola, conforme as orientações do Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano, está em construção, um outro bloco de um piso com dez (10) salas. A escola está localizada no distrito Municipal Kamubukwana, funciona com dois (02) turnos, um no período de manhã e outro turno no período da tarde e conta com um efectivo de 3615 alunos, sendo 1718 de sexo masculino e 1897 de sexo feminino.

A escola tem 41 professores dos quais (29 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino), 10 funcionários sendo quatro (04) técnicos administrativos, quatro (04) pessoal de apoio serventuário e dois (02) guardas; a escola lecciona de 1^a. á 7^a. classes. A escola tem cinco (05) professores com formação superior, isto é, são licenciados, um (01) professor com o nível de mestre, nove (09) professores estão a frequentar o ensino superior e os outros vinte e seis (26) têm o nível básico. Estes todos professores tem idades compreendidas entre os 27 e 55 anos de idade, sendo que muitos deles são novos na escola. Um dado importante é que o corpo de professores é constituído maioritariamente por mulheres.

A escola não tem uma infra-estrutura funcional que acolha os alunos que a frequentam de forma eficiente, por exemplo, não há campo de futebol nem pavilhão desportivo para a actividade física e recreio, somente tem uma torneira de água para um universo de 3615 alunos, há falta de água nas casas de banho, apenas o gabinete do director goza de corrente eléctrica, estando a secretaria e sala de professores sem energia pelo que as aulas só podem decorrer no período diurno.

Ao redor da escola alvo desta pesquisa, existem casas residenciais, árvores de sombra constituídas por dois (02) cajueiros onde os alunos brincam durante o intervalo, três (03) eucaliptos, ainda ao redor da escola há senhoras, jovens e adolescentes que tem as suas bancas e comercializam os seus produtos comestíveis cuja sua maioria são de preferência dos alunos.

A direcção da escola juntamente com a comunidade estão preocupados com a situação que se vive naquele recinto escolar, porque ao redor tem dois cemitérios e quando chega o tempo das cerimónias fúnebres as urnas passam por ali e os alunos ficam entretidos com as cerimónias fúnebres e por isso clama-se pela construção dum muro de vedação.

CAPÍTULO V

5.1. Apresentação dos resultados

As entrevistas aos alunos decorreram na Escola Primária Completa 19 de Outubro de Magoanine “B” contendo perguntas relativas a interacção professor e alunos, escola e ao contexto familiar. Sobre a comunidade, o guião centrou-se em questões ligadas a práticas da vida quotidiana na família, conteúdo de socialização e percepções sobre estratégias de reprodução social e meios para alcançá-las.

No decorrer das entrevistas realizadas na Escola Primária Completa 19 de Outubro do Bairro Magoanine “B” foram entrevistados vinte e cinco (25) alunos, catorze (14) professores e quatro (04) pais ou encarregados de educação. As entrevistas com os nossos entrevistados ocorreram no período que antecedia a primeira aula e nos vinte minutos de intervalo entre a segunda e a terceira aula. Foram entrevistados alunos das turmas da 6ª. classe e 7ª classe, sendo dezassete (17) do sexo feminino e oito (08) do sexo masculino, com idades que variam entre os 12 á 14 anos.

5.2. Percepção dos alunos sobre as causas da expulsão nas actividades lectivas

Aos alunos foram colocadas as seguintes questões: A interacção entre professor e aluno na sala de aulas é boa?

- A interacção é boa entre os alunos e os professores porque os professores conversam com os alunos tanto na sala de aulas tanto fora dela, e esta interacção tem bons resultados no fim de ano (Márcia 14 anos, aluna da 6ª. classe)

- Carlos 13 anos, aluno da 7ª. Classe - a interacção é mais ou menos boa porque alguns professores zangam connosco muito mais o professor de educação física e até manda nos sair na aula dele quando um aluno não trás calção de educação física. Mas também é boa porque nos deixa brincar na aula.

- Elisa de 13 anos frequenta a 6ª. Classe - a interacção com os professores é boa porque os professores contam piadas na sala de aulas, contam as suas histórias quando eram crianças e até outros professores nos dias de prova nos deixam abrir cadernos.

Em relação à pergunta de como avaliam as suas aulas:

- As aulas são úteis e aprendemos muito; porque os professores explicam muito bem e não zangam connosco (Rassula de 8 anos, 6^a. classe)

- As aulas animam um pouco mas também são fracas, mas mesmo assim aprendemos alguma coisa (Adolfo de 13 anos aluno da 7^a. Classe)

Na interacção com os alunos, os professores usam autoridade ou vos intimidam? Verificou-se o seguinte: - Os professores não usam de autoridade e nem intimidam os alunos, mas mesmo assim eles conseguem disciplinar a turma (Ana Paula de 12 anos, 6^a. Classe).

- Os professores nos intimidam e usam força mas mesmo assim não conseguem disciplinar a turma pelo menos na nossa sala, porque outros alunos são indisciplinados a partir de casa deles (Jorge 12 anos, 7^a. Classe).

- Mesmo usando de autoridade e intimidação os professores não conseguem disciplinar a turma porque os meus colegas não tem respeito (Pedro 14 anos, 7^a. Classe).

5.3. Percepção dos professores sobre as ausências dos alunos nas actividades lectivas

O corpo docente entrevistado foi composto de doze (12) mulheres e dois (02) homens, o que confirma a maior presença feminina na escola. Os professores entrevistados estão na faixa etária entre 26 a 42 anos. Verificou-se que as maiores dificuldades que o professor sente em interagir com os alunos decorrem dos factores:

Indisciplina “na forma de se expressarem” (divergências na comunicação entre alunos e professores); indisciplina por falta de interesse e de objectivos por parte dos alunos; nota-se o afastamento dos pais ou encarregados de educação da vida escolar, “é preciso trazer a família dos alunos para vida escolar, fazê-los entender que os seus alunos (filhos) precisam perceber que eles estão por perto, acompanhando e apoiando”

Os professores foram questionados o seguinte: Como vê a interacção entre o professor e o aluno?

Quase todos os professores foram unânimes ao afirmarem que a interacção com os alunos é boa e beneficia aos alunos; o professor interage bem com os seus alunos na sala de aulas e esta interacção trás bons resultados no fim do ano.

- A interacção com os alunos é boa porque o professor conversa com os alunos e isso beneficia a eles e não só, quando há uma boa interacção no final do ano os resultados são bons (professora Luísa).

- Os professores interagem com os alunos e isso é muito bom, e nós os professores ficamos satisfeitos e assim temos muita vontade de transmitir aquilo que sabemos (Professor Cha-Cha).

Vale a pena trazer uma citação de Tiba (1998:164) afirma que “a escola precisa alertar os pais ou encarregados de educação sobre a importância da sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles estudem”. Se as interacções humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças ao nível profissional e comportamental, como podemos ignorar a importância de tal interacção entre professores e alunos.

Segundo Davis citado por Carvalho (1997: 36) “ ao contrário do que muitos professores podem pensar, negociar, buscar normas que satisfaçam o colectivo e que contemplam a interacção professor/aluno não significa abrir mão da autoridade, significa apenas abrir mão do autoritarismo”.

Segundo Garcia (1999:7) A indisciplina está entre as maiores preocupações dos professores, sendo um dos factores mais relevantes para a contribuição da interacção professor e aluno.

Elias (1996: 99) destaca: "É por intermédio das modificações comportamentais da área afectiva que a escola pode contribuir para a fixação dos valores e dos ideais que a justificam como instituição social."

Os professores foram questionados o seguinte: Para manter disciplina na sala de aulas usam autoridade ou autoritarismo?

- O diálogo é a melhor solução para os problemas que surgem (Professora Marlene).

- Muitas vezes uso do autoritarismo para poder dominar a sala, pois só assim os alunos colaboram (professora Virgínia).

- O professor que usa autoritarismo geralmente é arrogante, prepotente e procura impor as suas opiniões e decisões (professora Berta).

Neste sentido, Grillo apud Sant' Ana (1979) elucida que o estabelecimento de um clima favorável, caracterizado por uma série de comportamentos de professores e alunos, se constitui numa verdadeira chave para os problemas que geralmente acompanham os professores. O clima dispõe-se de acordo com o comportamento dominador (autoritário) ou integrador (democrático) do professor. Também são importantes a quantidade e a qualidade das interações. Muitas vezes o professor deixa o diálogo fora da negociação, pensando que a sua autoridade pode se tornar abalada.

A questão sobre como é que vê a educação em Moçambique?

- Os professores foram unânimes e responderam o seguinte: Nos últimos anos o modelo de ensino tem aspectos negativos e positivos; porque no Ensino Primário (EP1) o aluno não fica muito tempo na escola e por causa da passagem automática ele não faz muito esforço para aprender.

Aspecto negativo – a carga horária não vai de acordo com o plano curricular, as turmas são numerosas 70 a 85 alunos e assim o professor não consegue controlar todos os alunos e quando há um exercício para resolver o professor não é capaz de corrigir todos os cadernos.

Aspecto positivo - porque as passagens automáticas os alunos não se preocupam em assimilar a matéria, porque sabem que no fim de ano passam de classe e quando é assim eles sentem-se felizes. O professor não repreende o aluno e assim ele não faz muito esforço, os alunos ficam pouco tempo na escola e ficam muito tempo em casa e quando é assim é mau para todos. O modelo que foi adoptado pelo governo de Moçambique não é bom, o ensino é muito fraco principalmente nas classes iniciais, o governo tinha que eliminar as passagens automáticas (professora Luísa).

No que se refere a pergunta: como é que resolve a situação da indisciplina na sala de aulas? Afirmaram de uma forma resumida de que recorrem ao diálogo; “tentamos ser amigo dos alunos, chamando-os a responsabilidade, a fim de alcançar mais disciplina”; procuramos conversar e convencer ao aluno, que é ele que tem a perder os conteúdos

5.4. Motivação dos professores

A motivação é importante para que qualquer organização alcance o sucesso almejado. Chiavenato (1999), define a motivação como sendo tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um

comportamento específico, pondo este impulso a acção, ser provocada por um estímulo externo ou ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo. A motivação gera atitudes que são sentimentos positivos e negativos que as pessoas experimentam em relação aos objectivos. As atitudes das pessoas perante o trabalho determinam o nível do seu envolvimento e desempenho.

5.5. Visão da comunidade sobre interacções professores e alunos

A ligação entre a escola e a comunidade pode ser efectivada por meio da participação dos pais ou encarregados de educação em actividades fundamentais para a escola tais como: a definição de regras de funcionamento da instituição, elaboração do plano periódico da escola, organização de visitas de estudos a busca de apoios para a escola, entre outros.

O que constatamos naquela comunidade, a maioria dos pais ou encarregados de educação de alguns alunos inqueridos são analfabetos não sabem ler e isto mostra que o grosso número dos pais dos alunos que frequentam a Escola Primária Completa 19 de Outubro, não possuem um nível de escolaridade avançada e este factor pode contribuir na falta de percepção da importância da boa interacção dos pais ou encarregados de educação com a direcção da escola.

A outra característica importante dos pais ou encarregados de educação dos alunos inqueridos é a sua condição financeira que é um factor crucial que pode contribuir para o sucesso escolar dos alunos, na medida em que o rendimento familiar satisfaz às suas necessidades básicas para aquisição de material escolar para o aluno, compra de alimentos para o consumo, etc.

No âmbito da ligação entre a escola, comunidade e o Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano regulamentou a introdução do currículo local nas escolas primárias, como uma forma de viabilizar a ligação entre escola e a comunidade através da transferência dos saberes locais para a escola.

Aqui foram entrevistados quatro (04) líderes comunitários e referiram não terem uma ligação frequente com a escola. Segundo eles, a sua presença na escola só é solicitada em ocasiões muito especiais como é o caso da celebração das datas comemorativas oficiais. Opinião contrária foi expressa pelos professores. Para estes, a quase inexistente participação dos líderes comunitários na vida da escola faz parte de todo um clima de falta de ligação sistemática entre as famílias e a escola.

É pois, neste contexto caracterizado por uma fraca colaboração entre a escola e a comunidade que o currículo local está sendo implementado na escola Primária Completa 19 de Outubro de Magoanine “B”. Com o currículo local pretende-se dotar os alunos de competências que lhes permitam resolver problemas básicos de saúde, alimentação e hábitos da sua comunidade.

De acordo com INDEC/MEC (2006), o quadro ideal para a implementação de currículo local define como etapas para elaboração do currículo local as seguintes: 1º- A recolha de dados na comunidade, 2º- Articulação dos conteúdos locais como os programas de ensino, 3º- Sistematização de informação, 4º- Planificação analítica, 5º- Elaboração dos planos de lição e abordagem dos conteúdos na sala de aulas.

A recolha de dados na comunidade é feita pela direcção da escola e professores e tem como objectivo a recolha de informação relevante a incluir no processo de ensino aprendizagem. A sistematização da informação recolhida compreende, a dosificação de informação relevante e o seu agrupamento por temas, articulação dos conteúdos locais com os programas de ensino através da distribuição dos conteúdos pelos ciclos de aprendizagem, integração desses conteúdos nas unidades temáticas de cada disciplina e a elaboração da brochura do currículo local.

A planificação analítica consiste na dosificação dos conteúdos com base nos programas de ensino. A elaboração dos planos de lição visa articular os conteúdos dos programas nacionais e os conteúdos locais garantindo assim a sua leccionação harmoniosa. O sucesso da implementação do currículo local pressupõe o envolvimento dos diferentes actores nomeadamente, os docentes, os discentes, pais ou encarregados de educação e outros membros da comunidade, bem como instituições e diferentes empresas (INDEC 2006).

Aqui entrevistamos quatro (04) pais ou encarregados de educação e eles resumem a sua participação na vida escolar dos seus educandos, entrando em contacto com os professores para saber do seu comportamento e do seu aproveitamento dizendo.

– Por falta de tempo, por causa de ocupações profissionais vou a escola às vezes para saber do comportamento do meu filho, seu empenho e também procuro saber se ele chega a escola a tempo e hora (Senhor Ernesto).

Segundo Diogo (1998) e Bennevente (1994), pode se afirmar a interacção entre a escola e os pais ou encarregados de educação como uma interacção praticamente limitada aos contactos

destinados a obter informações sobre o percurso escolar dos seus educandos. Alguns pais disseram sobre a sua participação na escola só quando há reuniões.

- Eu só participo na escola quando há reuniões, sem isso não vou porque, não tenho tempo, se vou é por força maior, e também porque não posso deixar os meus negócios parados porque é aquilo que é o meu ganha-pão de todos os dias e muita das vezes vou a machamba e sem isso meu filho não vou conseguir algo para comer (dona Aissa).

- Eu vou a escola quando há um evento, porque alguns desses eventos nós os pais que juntamente com os professores é que organizamos, sem isso não iria porque tenho muita coisa por fazer (senhor Armando).

Alguns pais dizem que só participam na escola em momentos festivos. Como refere Silva (2003:412), que de parte os pais ou encarregados de educação, gerou-se o hábito de comparecerem em número significativo na escola em momentos de convívio.

- Vou a escola quando o professor me chama, quando haver um problema do meu educando e esse problema tem que ser grave mesmo aí talvez posso ir, sem isso mando alguém para me representar nas reuniões de turma ou semestrais (vovô Joana).

No que concerne a seguinte questão: O professor ajuda os alunos que tem dificuldades na sala de aulas ou não? As respostas obtidas foram:

Nem todos os professores estão preparados para a tarefa que escolheram de ensinar, denotando principalmente algumas lacunas ou dificuldades na abordagem dos conteúdos.

Sobre este ponto, Carvalho (1995: 62) evidencia que “nem todos os professores estão preparados para ser educadores conscientes das suas funções. Além do conhecimento específico da sua área, o professor deve ter habilidade para ensinar e educar e, para tal vem um auxílio directo da educação”.

CAPÍTULO VI

6.1. Conclusão

Ao concluir-se este trabalho, notou-se que existem dificuldades na interacção entre professor e aluno na escola. A maior dificuldade de interacção entre ambos na visão do professor é a falta de disciplina por parte dos alunos e estes alegam que falta estímulo e formação psico-pedagógica adequada em alguns professores.

As respostas dos alunos foram bastante diversificadas, porém indicaram dificuldades tanto da parte deles, tanto na parte dos professores, reconhecendo que existem falhas e acções negativas que protagonizam na sala de aulas. Para os alunos, os professores usam de autoridade e conseguem disciplinar a turma; enquanto os professores dizem para disciplinar a sala usam o diálogo.

Tanto os professores como os alunos mostraram conhecerem o significado do papel de cada um na sala de aula. Nas respostas dos alunos foi possível perceber que eles sabem que devem manter-se disciplinado, respeitar o professor e se esforçar para aprender; e o professor que é de ensinar, tirar as dúvidas, usar de descontração, cumprir os acordos com a turma.

Por parte dos pais ou encarregados de educação mostraram não ter uma boa ligação com a escola alegando não ter tempo por causa das suas ocupações profissionais e outros alegam que há falta de interesse por parte dos professores.

O método de revisão bibliográfico através da técnica de leitura recolheu-se informações dos livros de diferentes autores que abordam assuntos similares do tema estudado; o inquérito por meio de questionário colectou-se dados de amostras seleccionadas aleatoriamente aos alunos da 6ª e 7ª classes de ambos os sexos, as entrevistas semi-estruturadas foram dirigidas aos professores e alunos da mesma escola, a comunidade, enquanto a observação directa dos factos no terreno foi útil na verificação do estado das condições físicas da escola.

Como contribuição, espera-se que neste trabalho possa representar o início de um processo de maior investimento na qualidade do ensino da escola em particular, principalmente no que diz respeito às interacções entre docente/discente, e ainda, servir para disseminar as boas práticas de ensino recomendada para o Ensino Primário do Primeiro Grau (EP1) e Segundo Grau (EP2), mediante o conhecimento e aplicação daquilo que são as boas práticas de interacções humanas e sobretudo professore/aluno.

CAPÍTULO VII

7.1. Bibliografia

BOURDIEU, P. & PASSERON, J. (1977). Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro; Francisco Alves.

BOUDON, R. (1990), Dicionário de socialização. Lisboa: Dom Quixote

CHALITA, G. (2002: 19-22), Professor. Revista Profissão Mestre, Abril/2002.

CHIAVENATO, I. (2004). Gestão de pessoas e o novo papel dos recursos humanos nas organizações (2ª edição). Rio de Janeiro: Elsevier.

CIPIRE, F (1996) A Educação tradicional em Moçambique. 2ª. ed. Maputo: publicações Emedil.

DIOGO, M. (1998), família e escolaridade. Representações parentais da escolarização, classe social e dinâmica familiar, Lisboa, Edições Colibri.

DUBAR, C. (1997:240), A socialização: A construção de identidades sociais e profissionais. Porto editor

ELIAS, M. D. C. (2000:99), Pedagogia Freinet – Teoria e prática. São Paulo: Papyrus. ?????

GASPARIN, J. L. (2005:14) Didática: Processo de trabalho em sala de aula. Formação de Professores. Maringá: Eduem, Cadernos EAD.

GOLDMAN, M. (2006:161-3) “Alteridade e experiencia: Antropologia e teoria etnográfica”. Etnografia. Vol X (I)

FREIRE, P. (1997:15) [1996:245] Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários á Prática Educativa/Paulo Freira – São Paulo: Paz e Terra.

INDE/MINED (2008), Plano Curricular do Ensino Básico, Maputo: INDE/MINED – Moçambique.

KRUPPA, S. (1994:30), Sociologia da educação. São Paulo: Cortez.

KLUCKHON, C (1986), Cultura, Dicionário de Ciências Sociais, Rio de Janeiro: Edição da Fundação Getulio Vargas.

LAKATOS, E. V, MARCONI, M. A, (1999:94), Fundamentos de metodologia científica, 6^a ed, São Paulo

LÉVY, P. (1998:25). A máquina universo: criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: Artes Médicas.

LIBÂNEO, J.C. (1998:36) *Pedagogia e Pedagogos, Para que?* São Paulo, editora cortês.

LINHA, C. et. al. (2000:72), A escola Primária Moçambicana: Maputo: Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE).

MAZULA, B. (1995:275), Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985, Santa Maria da Frisa, Portugal: Edições Afrontamento e Fundo Bibliográfico de Línguas Portuguesa.

MEC (2006:2011). Plano Estratégico de Educação e Cultura Maputo

MINAYO M. C. de; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Pública, rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO (2003:28), Plano curricular do ensino básico. Objectivos, políticos, estrutura, plano de estudos e estratégia de implementação. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento de Educação

PALME, M. (1992:117), O significado da Escola, Repelências e Desistências na Escola Primária Moçambicana, Estocolmo Instituto de Educação.

PATTO, M. (1999), A produção do Fracasso Escolar: História de Submissão e Rebeldia. São Paulo. Casa de psicólogo.

PNUD-UEM-SARC, (2000) Educação e Desenvolvimento Humano. Percursos, lições e desafios para o século XXI. Relatório de desenvolvimento Humano.

RANGEL, (1987), o Insucesso Escolar. Horizontes Pedagógicos.

SAINT-ONGE, M. (1999:24), O ensino na escola: O que é? Como se faz? São Paulo: Edições Loyola.

SCOZ, B (1994), Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. 6ª. Ed. Petrópolis: Vozes.

SILIYA, C. J. (1996), Ensaio sobre a cultura em Moçambique, Maputo

SILVA, B. e tal (1986), Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

SILVA, P (2003:412), Escola - família, uma relação armadilhada, Porto, afrontamento

SIL, V. (2004:103), Alunos em situação de insucesso escolar. Percepções, estratégias e opiniões dos professores – estudo exploratório. Horizontes pedagógicos.

SNYDERS, G. (2001) Alunos Felizes. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra.

SOUZA, M.W. (1997:13-17), Juventude e os novos espaços sociais de construção e negociação de sentidos. In *Educação & Realidade*. Vol. 22, n.º 2, , Julho/Dezembro

SOMMER, L. H (2007:1413-2478), A ordem do Discurso Escolar, Revista Brasileira de Educação, Abr, Vol.12.

SUANA, E. (1999:163), Approaches à cultura Teve. Reflexões sócio culturais sobre o povo Teve, em Manica. Seminário filosófico interdocesano. Santo Agostinho. Matola

Wolcott, H. (1974). El maestro como enemigo. Lecturas de antropologia para Educadores. Madrid: coleccion Estruturas y processo.

QUELUZ, A. G. (1999), O Trabalho Docente. Teoria e Prática. São Paulo: Editora Guazzelli.

Acessado

<http://www.veterinaria.org.revista>, 1695-7504, 2007 Vol VIII, nº 1

<http://www.Revistaespaçoacademico.com.br>

<http://www.Umarevistacritica.com.br>, 23 de Dezembro de 2004